

DOS GÊNEROS ÀS PRÁTICAS TEXTUAIS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES À LUZ DA DIMENSÃO COMPOSICIONAL DOS TEXTOS¹

ANA CALDES

(Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa)

ABSTRACT: As far as textual practices need to be understood in the context of their social and linguistic settings, they also have to be related to the textual genre to which they belong. Moreover, the compositional issue has to be considered. In this paper we aim to approach the relationship among these three aspects – texts, genre and composition – focusing on the establishment of a compositional typology which may be useful to textual analysis and theory. Thus, we purpose to distinguish generic and textual composition so as to define the two different dimensions that are constitutive of the linguistic objects and, simultaneously, to stress the nature of the interactions to be established between the generic and textual issues and how they reveal themselves on the structural level of texts.

KEYWORDS: text; genre; composition.

1. Introdução

No contexto da diversidade de práticas e de manifestações linguísticas com que inevitavelmente nos deparamos, são os textos que, na qualidade de objectos empíricos, nos dão conta não só do funcionamento dessas práticas, como também dos processos e/ou operações que lhes subjazem. Mas, tratando-se de um objecto por natureza complexo, o texto rejeita qualquer abordagem – que, a confirmar-se, seria claramente redutora – que nos leve a entendê-lo como uma mera unidade verbal ou, se quisermos, como um todo coeso e coerente desvinculado de quaisquer outros aspectos, para além dos aspectos composicionais, próprios de todo o texto particular, passíveis de serem observáveis na superfície textual². Nesta perspectiva, há a considerar o papel

¹ Uma primeira versão deste trabalho foi apresentada no II Fórum de Partilha Linguística (CLUNL, Julho de 2007).

² A impossibilidade de uma abordagem desta natureza surge expressa em Adam (1999: 18); o autor, referindo-se ao objecto de estudo da Linguística Textual, alude à necessidade de levar em consideração, no trabalho de reflexão sobre os textos, as condicionantes de ordem situacional, psicossocial, linguística e genérica (isto é, relativas ao género) decorren-

que assumem os factores contextuais no processo de produção ou, em outros termos, de “configuração” dos textos³, sendo que nesse processo não podem deixar de reflectir-se os condicionalismos decorrentes não só do vínculo do texto ao momento sócio-histórico da sua geração – o espaço e o tempo em que é produzido – como da sua necessária inscrição em um determinado género(s).

Assumindo, pois, desde já, a importância de que se revestem as categorias “texto” e “género” na análise das práticas linguísticas efectivas pretende-se, nas páginas que se seguem, tecer algumas considerações sobre a forma como podem desenhar-se as interacções possíveis entre as questões genericas e textuais, com reflexos ao nível da dimensão composicional dos textos. Por outro lado, interessa ainda mostrar, no âmbito de tais considerações, como a necessidade de oscilação entre ambas as categorias – de “género” e de “texto” – constitui um requisito fundamental e necessário para dar conta da complexidade inerente a todo o objecto textual.

2. O texto como produção social

O conceito de texto como produção social, defendido no quadro do Interaccionismo Sócio-Discursivo proposto por Bronckart, vem atestar o vínculo reconhecidamente existente entre as actividades sociais, as actividades comunicativas e a conjuntura espaço-temporal em que ambas têm lugar⁴. Tendo em conta, além disso, que as actividades de comunicação encontram a sua concretização efectiva ao nível das práticas linguísticas, elas mesmas semiotizadas em forma de textos, estes acabam por constituir-se, então, como o reflexo último das relações estabelecidas entre as três realidades mencionadas. Como refere Bronckart (1996-1999: 14): «(...) é no nível

tes da interacção comunicativa em que o próprio texto se enquadra e que o texto possibilita. Como se salienta:

«Il est, en effet, impossible de réduire les produits textuels des pratiques discursives des sujets – ce que nous nommerons LES TEXTES – à une telle organisation [compositionnel], objet abstrait d’une théorie DU TEXTE. En d’autres termes, aux contraintes générales qui mènent des propositions à l’unité texte, il faut ajouter des contraintes qui sont, à la fois, celles de l’interaction en cours, avec ses paramètres situationnels et psychosociaux (...), celles de la langue choisie et celles enfin des genres discursifs (...)».

³ A noção de “configuração”, aqui apresentada, vai ao encontro do conceito de *dispositio*; este conceito, utilizado pela retórica clássica para dar conta de uma das etapas de produção dos textos, aplica-se directamente à problemática da disposição das unidades textuais. Neste âmbito, aceitamos que a dimensão configuracional dos textos se encontra em relação directa com a dimensão composicional que directamente lhes está associada, sendo que este facto nos permite justificar, *grosso modo*, o carácter estrutural que caracteriza estes objectos linguísticos.

⁴ De facto, para este autor, a rede de significações que se estabelecem no contexto da utilização de uma língua natural e que são, por ela, postas em funcionamento, apenas ganha fundamento no sistema das interacções sociais em que ocorrem (Cf. Bronckart, 2005: 52). Daí que, para Bronckart, e no quadro do Interaccionismo Sócio-Discursivo, se revela incontestável o domínio do social sobre as dimensões linguística e textual das actividades humanas.

dessas unidades globais [os textos] que se manifestam, de forma mais nítida, as relações de interdependência entre as produções de linguagem e o seu contexto acional e social».

Ao aceitarmos a preponderância das actividades sociais sobre as actividades comunicativas, que aquelas determinam, estaremos a adoptar, por outro lado, e numa perspectiva descendente – isto é, partindo do nível mais geral das actividades sociais para o nível específico e pontual dos textos⁵ – que o social constitui o ponto de partida para a realização textual; isto é, que as actividades sociais – ou, como diria Bakhtine, “as esferas de actividade humana” – representam, portanto, a fonte geradora dos textos empíricos efectivos. Lembremos, a propósito, as palavras deste autor: «a utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da actividade humana» (Bakhtine, 1992: 279).

Dada a dinâmica inerente a toda a actividade humana, as actividades sociais e comunicativas tendem, pela sua natureza, a evoluir, de acordo com os condicionalismos impostos pelo contexto sócio-histórico em que ocorrem. Assim, em função da sua própria evolução, da sua história e dos seus próprios interesses e / ou necessidades, as actividades sociais e comunicativas desenvolvem os seus modos de produção e de circulação textuais próprios, visando tanto a satisfação dos objectivos sócio-comunicativos que estão na base de todo o acto de comunicação, como a criação de estratégias linguísticas que se adequem aos propósitos pretendidos e sirvam a concretização dos seus objectivos⁶. Por conseguinte, concordaremos com Bakhtine (1992: 279) quando este afirma, a propósito da relação entre as esferas de actividade humana e as produções textuais que elas originam, que «o enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas (...)» – por outras palavras, que é nos textos e pelos textos que a dimensão social se manifesta e se reflecte.

3. Acerca da relação Texto / Género

Ao assumirmos que o género se constitui como uma categoria que permite agrupar entre si textos com traços típicos semelhantes (e aceites como tal pela comunidade linguística) estamos a considerar, na sequência de Bronckart (1996-1999: 72), que ele permite a categorização de diferentes

⁵ Cf. Bronckart (2005: 61): para o autor, este é um percurso que se processa «...das actividades sociais às actividades de linguagem, destas últimas aos textos e aos seus componentes linguísticos...», sendo que apenas neste sentido é possível levar a cabo o trabalho de análise textual.

⁶ Os modos de produção e de circulação dos textos, formulados no quadro das actividades sociais em que ocorrem possuem, na sua essência, um carácter instrumental; queremos com isto dizer que, em ambos os casos, ao modo como se produzem e como se fazem circular os textos empíricos estão associadas decisões subjectivas particulares que, não sendo inocentes, constituem um instrumento visando a concretização de um ou mais propósitos comunicativos.

“espécies de textos”⁷. A pertinência de tal classificação aparece, por sua vez, justificada se aceitarmos que todo o texto se inscreve necessariamente em um determinado género e que este tem lugar, necessariamente, no contexto de uma prática sócio-comunicativa específica. Nesta perspectiva, é necessário considerar a indissociabilidade das dimensões genérica e textual no trabalho de reflexão sobre os textos, já que, como salienta o autor: «(...) qualquer espécie de texto pode atualmente ser designada em termos de género e (...), portanto, todo exemplar de texto observável pode ser considerado como pertencente a um determinado género» (Bronckart, 1996-1999: 73).

Mas se a relação entre texto e género se justifica segundo um critério de pertença, como se explicita através da citação anterior, há a considerar ainda que ela é passível de oscilar entre dois pólos possíveis e que, neste processo, as relações entre as questões genéricas e textuais se realizam em sentidos não necessariamente opostos mas complementares:

a) do texto para o género, se pensarmos o género como o espaço de convergência das regularidades textuais, onde se encontram condensadas as características (relativamente estabilizadas) de um determinado grupo de textos; de facto, é a partir dos textos – objectos empíricos efectivamente atestados – que podem ser identificadas as regularidades que definem e / ou compõem o género;

b) do género para o texto, se considerarmos que o género possa funcionar como uma plataforma / um formato para a prática textual, tanto por se constituir como um modelo para a produção e recepção de textos⁸ como, por outro lado, por fazer prever a configuração destes⁹; nesta perspectiva, entende-se o género como o ponto de referência para a realização do texto.

O que acabamos de dizer vai ao encontro da ideia, postulada por Bronckart (2005: 62), de que «os géneros de textos constituem produtos de *configurações de escolhas* por entre as possíveis, que são momentaneamente cristalizadas ou estabilizadas pelo uso». A partir desta afirmação, algumas considerações se impõem relativamente à relação, de natureza bi-direccional, entre o texto e o género em que ele se inscreve:

– uma delas prende-se com o facto de a estabilização pelo uso constituir um factor de peso na identificação e delimitação das características que permitem a categorização de grupos de textos ou, por outras palavras, de géneros¹⁰; na verdade, é o carácter recorrente de tais características que possibili-

⁷ A noção de “espécie de texto”, tomada no seguimento de Bronckart, designa «todo conjunto de textos que apresentem características comuns» (Bronckart, 1996-1999: 72).

⁸ Os modelos de género disponíveis encontram-se no que se convencionou chamar de “arquítexito” ou, em outros termos, no “espaço estruturado” que condensa as “espécies de textos” ou modelos de texto pré-existentes a serem aplicados às situações de comunicação particulares. Cf. Bronckart (2005: 63-64).

⁹ Esta potencialidade, que aqui atribuímos ao género, surge evidenciada em Coutinho (2004: 37) quando a autora salienta que «(...) le genre pré-figure le texte; (...) [il] définit ce qui, dans le texte empirique, fait figure – de texte».

¹⁰ A este respeito, é importante considerar que as representações colectivas que os sujeitos possuem acerca dos géneros jogam aqui um papel fundamental; no sentido em que os géneros se encontram afectados de diversas indexações, nomeadamente de ordem referen-

ta classificar os textos onde elas ocorrem segundo graus de maior ou menor tipicidade;

– outra das considerações necessárias relaciona-se com a própria noção de género textual apresentada pelo autor; assim, ao falarmos de géneros, falamos (e volto a reiterar a definição proposta) de *produtos de configurações de escolhas por entre as possíveis*. Parece-me, a este respeito, que é justamente a ideia do género enquanto modelo de referência que possibilita esta aceção: as escolhas permitidas (isto é, as possíveis) não advêm senão da flexibilidade e da permissividade do próprio género seja no que respeita às configurações – ou, se quisermos, aos modos de textualização – que o seu modelo permite, seja no que concerne à delimitação dos valores de uso que estão indexados a cada género em particular.

4. Composicionalidade genérica e textual

No seguimento de trabalhos anteriores diremos ainda que a questão composicional assume um papel central na relação texto/género¹¹. De facto, são os textos que, pela sua composição, nos apresentam os índices formais que permitem não só identificá-los enquanto instrumentos sócio-comunicativos como também, na sequência disso, identificar a natureza e a relevância da prática linguística que o texto concretiza, o género em que este se inscreve, a sua intenção pragmática e o próprio estatuto dos sujeitos enquanto interlocutores desse texto¹².

Seja mais simples ou mais complexo, todo o texto possui uma composição que lhe é específica; assim sendo, diremos que a composicionalidade é uma propriedade inevitável e inerente a qualquer texto¹³. Por outro lado, importa referir que a noção de “composição”, tal como acabámos de a definir se aproxima, na sua essência, da de “plano de texto”, proposta por Adam (1997: 669) para se referir à organização global do texto¹⁴.

cial, comunicacional e cultural, são estas que nos possibilitam inferir acerca do conteúdo do texto, do tipo de interacção que se pretende que ele estabeleça com o interlocutor e do valor de uso que lhe é atribuído (Cf. Bronckart, 2005: 62; 64).

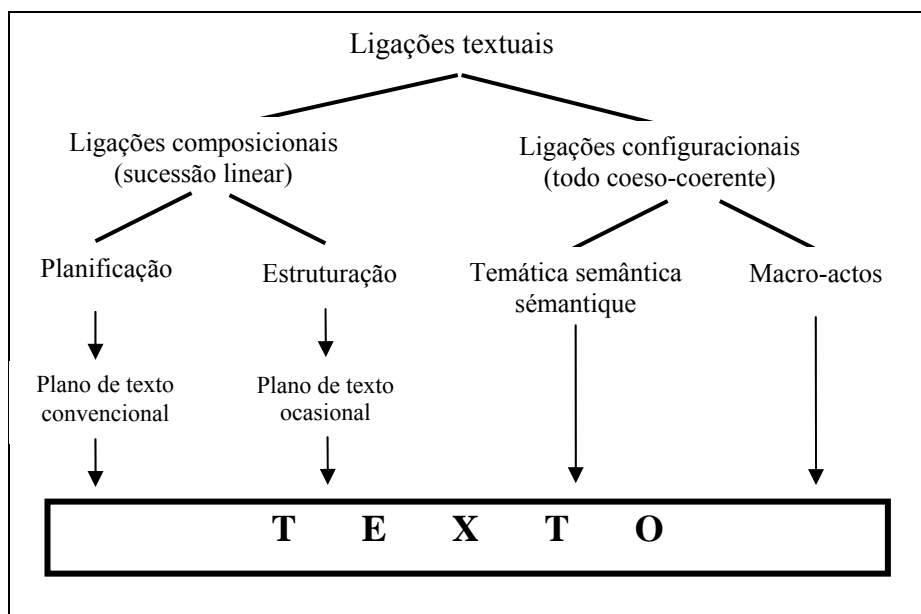
¹¹ Cf. Cortes (2005).

¹² De facto, é através da materialidade textual, isto é, da estrutura composicional do texto que podemos reconhecer, pela identificação dos aspectos que acabámos de mencionar, o seu estatuto enquanto objecto de comunicação. No entanto, e tratando-se, como já aqui se referiu, de uma produção social, a materialidade linguística não é suficiente para dar conta do texto enquanto instrumento de significação (Cf. Bronckart, 1996-1999: 144); como diria Rastier, ao referir-se à dinamicidade da significação textual «si donc le sens d'un texte est construit plutôt que donné, son objectivation n'est pas un processus unique fixe une fois pour toutes. Elle est certes fondée sur l'objectivité matérielle du texte mais non fondée ni garantie par elle» (Cf. Rastier, 1989: 19).

¹³ Cf. Cortes (2005: 53).

¹⁴ A semelhança conceptual merece, no entanto, as devidas reservas, no sentido em que se considera, no seguimento de estudos realizados (Cf. Cortes, 2005), que a composicionalidade, enquanto propriedade constitutiva de qualquer texto, abrange outros níveis de organização textual, nomeadamente, no âmbito das construções sintácticas locais, que não

Adam apresenta uma classificação dos planos de texto em dois tipos distintos: planos fixos e ocasionais, segundo se realizem, respectivamente, através de operações de planificação e de estruturação¹⁵. Os quadros que se seguem dão conta da distinção proposta:



Quadro 1 (Reproduzido de Adam, 1999: 68)

Opérations de composition
1. Planification
Composition textuelle globale, plus ou moins réglée par des genres et des sous-genres — opération « descendante » — et aboutissant à des plans de textes fixes (conventionnels, normés).
2. Structuration
Composition textuelle « montante » qui prend appui sur les unités de bas niveaux, la segmentation, les périodes et les séquences pour aboutir à un plan de texte occasionnel (propre à un texte).

Quadro 2 (Reproduzido de Adam, 1999: 69)

Quanto aos planos de texto fixos, estes caracterizam-se, segundo o autor, por serem altamente regulados pelo género textual que semiotizam; trata-se, portanto, de planos bastante convencionais e normativos – devido

apenas o nível da organização global, de que dá conta o plano de texto. Por conseguinte, a noção de “composição” revela-se mais ampla e abrangente que a de “plano de texto”.

¹⁵ Cf. Adam (1999: 68-74).

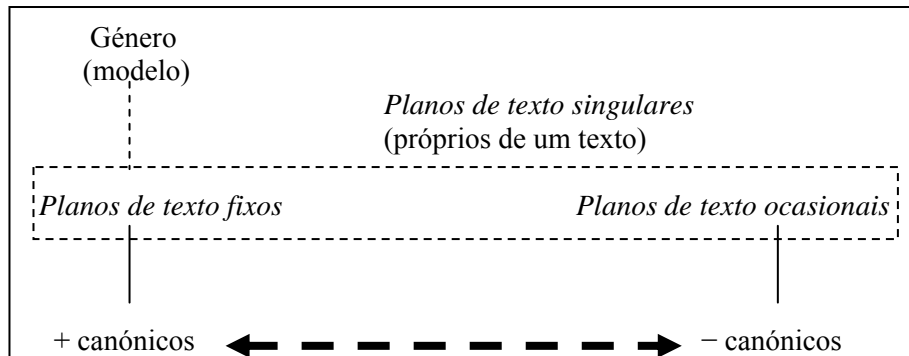
ao vínculo estreito que estabelecem com o modelo de género imposto – e, por isso, consideravelmente previsíveis e “rotineiros”.

No que respeita aos planos de texto ocasionais, as considerações desenvolvidas em redor da definição do termo impõem considerar que a noção pode ser tomada em dois sentidos diferentes, consoante o critério adoptado:

a) optando-se pelo critério da singularidade/exclusividade, os planos de texto ocasionais serão entendidos como aqueles que, sendo próprios de cada texto são, portanto, planos únicos e singulares, específicos de cada exemplar de texto;

b) optando-se pelo critério da imprevisibilidade – no sentido de fuga aos cânones impostos – considerar-se-á que, ao referirmo-nos aos planos de texto ocasionais, nos referimos àqueles marcados por uma estrutura composicional inesperada, imprevisível, “*décalée*” e, portanto, distanciada, em maior ou menor grau, do modelo ditado pelo género; a subversão é, assim, uma característica deste tipo de planos.

Dado que a possibilidade de adoptar um ou outro critério nos conduziria a posições epistemológicas e terminológicas diferentes, com reflexos evidentes ao nível do desenvolvimento da reflexão teórica e da metodologia de trabalho a adoptar, interessa desde já esclarecer a posição tomada relativamente a esta problemática. Por conseguinte, assume-se a perspectiva de que todos os textos empíricos constituem objectos únicos dotados, portanto, de organizações composicionais específicas traduzidas, por sua vez, em *planos de texto singulares*. Considera-se também, a propósito dos planos que acabamos de referir, que a sua organização pode variar, ao nível dos exemplares de texto, em função de uma construção mais canónica – isto é, mais conforme ao modelo imposto pelo género que serve de referência à produção do texto – ou menos canónica – sempre que se afaste do modelo em causa, num *continuum* que implica, numa escala variável, uma posição de maior ou menor distanciamento. O quadro 3 pretende esquematizar a perspectiva adoptada:



Quadro 3

Tal como aparece sintetizada no quadro que acima se propõe, a problemática em causa vai ao encontro da posição, defendida por Bronckart, de que o trabalho de produção textual é regulado, em todo o caso, por um duplo processo de adopção / adaptação relativamente ao modelo de género disponível, num dado momento sócio-histórico, para uma determinada situação comunicativa. Assim, o agente produtor do texto terá necessariamente de levar a cabo dois tipos de operações:

«(...) Por um lado, ele terá de “escolher” ou de *adoptar* o modelo de género que lhe parecer o mais adaptado ou o mais pertinente tendo em vista as propriedades globais da situação de acção tal qual a representação que dela tem. Por outro lado, ele vai necessariamente *adaptar* o modelo escolhido, em função das propriedades particulares dessa mesma situação. O resultado deste processo duplo será um novo texto empírico, que será portador, portanto, dos traços do género escolhido, e dos do processo de adaptação às particularidades da situação.»

Bronckart (2005: 65-66)

Na linha do que expressa Bronckart, poderá dizer-se então, no âmbito do duplo processo mencionado, que, no contexto da produção de um texto empírico, há sempre adopção de um modelo de género – o que vem corroborar a nossa assumpção de que todo o texto participa necessariamente de um género textual; no entanto, em relação ao processo de adaptação do género seleccionado, este pode ser realizado segundo modalidades distintas:

- indo ao encontro do modelo imposto pelo género, dando lugar, neste caso, a planos de texto fixos, consideravelmente estabilizados;
- ou, por outro lado, afastando-se relativamente desse modelo e escapando dele (em maior ou menor grau, num *continuum* de ocorrências possíveis), dando lugar à construção de planos de texto ocasionais¹⁶.

Considerando o que até aqui se expôs, interessa, neste momento e no sentido de destacar o papel de que se reveste o binómio texto / género na reflexão sobre a dimensão estrutural dos textos, distinguir dois tipos distintos (mas não opostos) de composicionalidade: genérica e textual. Consideramos então falar de composicionalidade genérica para nos referirmos às unidades e / ou processos composicionais que, fazendo parte dos planos de texto fixos, surgem de forma recorrente associados a um determinado género (e que podem, desse ponto de vista, ser considerados como parâmetros de género). Por outro lado, designaremos de composicionalidade textual as manifestações formais que advenham da realização particular que esses parâmetros assumem, ao nível dos planos de texto singulares, em cada exemplar de texto, a partir do conjunto de possibilidades composicionais estabilizadas e

¹⁶ Importa referir, no entanto, que o “escape” a que nos referimos só poderá ser realizado parcialmente e nunca de forma total dado que, sob pena de não ser possível identificar o género em que o texto se inscreve, deve ser assegurado que se mantenham os traços (típicos e estáveis) que permitam associar o texto ao género de que ele releva e, conseqüentemente, avaliar a sua pertinência relativamente à situação de comunicação em que se enquadra.

permitidas pelo género. Nesta classificação, os planos de texto ocasionais são assumidos, por sua vez, como aqueles que, estando inevitavelmente semiotizados em planos de texto singulares são, no entanto, estabelecidos em função da composicionalidade genérica dos textos, ao nível dos planos fixos – por outras palavras, dizemos que são os planos de texto fixos, fortemente marcados pelo modelo de género, que constituem o ponto de referência para a construção dos planos de texto ocasionais, ditando assim a margem de manobra ou de variação na realização desses planos; logo, a construção de planos ocasionais só pode ocorrer tomando-se como ponto de referência a organização dos planos fixos. O esquema abaixo sistematiza a classificação que apontámos:



Quadro 4

Em última instância, a distinção entre os dois tipos de composicionalidade acaba por sugerir um percurso que se orienta do nível mais global dos géneros para o dos textos. O carácter de globalidade que atribuímos à categoria de ‘género’ releva – importa referir – do carácter de recorrência que a caracteriza e que se confirma se aceitarmos que o género textual se constitui a partir de uma prática linguística estabilizada pelo uso, e assim assumida pela comunidade de falantes.

Ora é a partir dessa *praxis* socialmente aceite que a recorrência se manifesta; é também em função dela que determinadas unidades e processos composicionais surgem vinculados a determinados géneros e permitem defini-los ao nível da sua prototipicidade – sendo por isso designados de *parâmetros de género*. É, pois, tendo em conta tais parâmetros ou, melhor dizendo, a sua realização e manifestação nos textos únicos e concretos, que é possível avaliar a composicionalidade dita textual. Em suma, quer-se com isto atestar que uma abordagem ao género é necessária para a compreensão do texto e, assim sendo, o percurso a realizar não pode ser, como já se referiu, senão um percurso descendente, em que se assume, juntamente com Rastier, o efeito regulador do nível global sobre o local, neste caso, da influência da genericidade sobre a textualidade¹⁷.

¹⁷ Cf. Rastier (2001: 13): “Malgré l’autorité de la tradition grammaticale, tout engage la linguistique à prendre les textes pour objet: elle affronte alors des phénomènes d’une tout autre échelle, en vraie grandeur pourrait-on dire. Elle n’abandonne pas pour autant le palier de la phrase, mais peut y faire retour d’une façon nouvelle, *dans la mesure où le*

Fazendo a ponte, claramente necessária, com as questões genéricas, há que levar em conta que é a partir do modelo proposto (ou imposto) pelo género – semiotizado através dos planos singulares – que a realização textual ocorre. Além disso, e no que concerne de modo específico aos planos de texto ocasionais, parece ser o género que desempenha um papel fulcral na definição e identificação destes planos ao estabelecer, por si próprio, e enquanto modelo de referência, as margens de flexibilidade e / ou normatividade que permitem a ocorrência da imprevisibilidade e da subversão.

A consideração de planos de texto ocasionais torna necessário aceitar que os processos de composição dos textos não se efectuam, taxativamente, de forma unívoca e linear: a pertinência da necessidade decorre, por um lado, de assumirmos, como já aqui se referiu, a influência do global sobre o local – por outras palavras, do género sobre o texto; por outro lado, de pensarmos que é o género que, na qualidade de modelo, dita as configurações possíveis que podem ser tomadas nos textos empíricos e singulares e que estas correspondem sempre a escolhas particulares e individuais realizadas pelos sujeitos; por fim, que o género, estando enquadrado numa prática sócio-linguística determinada, está sujeito a evoluir, a transformar-se e a adaptar-se à própria história, aos interesses e às motivações de ordem pragmática que subjazem a essa prática, sendo que este facto deixa espaço à criação e utilização de estratégias linguísticas marcadas por processos composicionais nem sempre lineares, ou melhor, nem sempre típicos e previsíveis.

5. Análise textual

Os textos seleccionados para análise constituem os exemplares pertencentes a dois géneros – o *anúncio publicitário*¹⁸ (texto 1) e a *petição inicial*¹⁹ (texto 2). Tratando-se, portanto, de textos produzidos no contexto de esferas de actividade distintas e de funcionamento muito diverso, como são as áreas da Publicidade e do Direito, eles dão conta de modalidades de textualização muito diferentes que decorrem da natureza particular dos géneros em causa.

Com a análise textual que se segue pretende demonstrar-se, no âmbito das considerações aqui expostas, a pertinência da tipologia assumida relativamente à problemática das questões genéricas e textuais e a sua aplicação ao trabalho de descrição linguística. Para tal, e no sentido de darmos lugar ao tratamento destas

global détermine le local. Si l'on ne peut réduire un texte à une suite de phrases, chacune d'elles reçoit évidemment du texte où elle figure des déterminations inoubliables, même sur sa syntaxe, sa morphologie, voire sa phonétique.” (Sublinhado meu)

¹⁸ In Revista *Caras* nº 407, Maio 2003, contra-capas.

¹⁹ O texto em causa faz parte do corpus de trabalho que integra a tese de doutoramento, da autoria de Rosalice Pinto (2006), intitulada *Argumentação em géneros persuasivos: um estudo contrastivo*.

questões, fundamentar-se-á a análise empírica nos aspectos que, podendo ser observados do ponto de vista composicional, permitem classificar os planos de texto associados aos textos escolhidos como fixos ou ocasionais.

Existem 4,5 milhões de motivos para ter escolhido

a TMN. O pai, a mãe, o filho, a filha, os namorados da filha, os amigos, as amigas dos amigos, os irmãos, as irmãs, o meio-irmão, o patrão, a mulher do patrão, a prima direita, a prima esquerda, o vizinho do quinto esquerdo, o vizinho da frente, o tio, a tia, os sobrinhos, aquele parente tão afastado que vive na Austrália, o outro que foi viver para os Açores, aquela outra, como é que ela se chama, a Antónia, o marido dessa, aquele que ainda vem a ser tio por parte dele, o padre, a mulher-a-dias, o guarda-nocturno, a professora, os colegas do trabalho, os ex-colegas da escola, os ex-colegas da tropa, a secretária, o dentista, o pediatra, o astrólogo, o canalizador, o consultor, o cabeleireiro, o veterinário, o advogado, o electricista, o carpinteiro, a porteira, a babysitter, a explicadora de inglês, o chefe dos escuteiros, a sogra, o cunhado, a cunhada, o Cunha, o Sousa, o Pinto, a casa dos frangos, a casa das pizzas, a casa das férias, a lavandaria, a Vanda Maria, a marina, a oficina, o mecânico, o jardineiro, a florista, o taxista, o Baptista, o dietista, a telefonista, a outra, que tem a mania que é artista, o pacote, o personal trainer, o banheiro, o barbeiro, o carpinteiro, a modista, a ministra, o motorista, a catequista, o contabilista, o empreiteiro, a enfermeira, o homem das mudanças, o psiquiatra, o Júlio, o restaurante da esquina, o outro, onde se come melhor, aquele que nunca tem mesa, a agência de viagens, o senhor que arranja o elevador, a Dona Rosa da mercearia, o pessoal da cervejaria, o técnico de informática, a Anita, que é tão simpática. **Obrigado a todos.**

4,5 milhões de portugueses preferem a TMN para comunicar entre si, e com o Mundo. O nosso objectivo será sempre servir cada um desses clientes como se fosse o único. Por isso, para si em especial, aqui ficam duas palavras de agradecimento pela confiança nos nossos serviços: Muito Obrigado.

TMN

Mais perto do que é importante

Exm.º Senhor Juiz de Direito
dos Juízos Cíveis da Comarca de Lisboa

1. ;
2.; e
3.,

vêm intentar contra

.....

acção de condenação, em processo sumário, nos termos e nos fundamentos seguintes :

1.º

Os A.A. são comproprietários do prédio urbano, sito na, descrito na.....
Conservatória do Registo Predial de Lisboa, sob o n.º, a fls. do Livro e
inscrito na matriz respectiva da freguesia de sob o artigo do
Bairro Fiscal de Lisboa (**doc. n.º 1** que se junta e se dá por integralmente reproduzido).

2.º

Por contrato de arrendamento de de de....., os A.A. deram de
arrendamento ao Réu, a fracção correspondente ao r/c do prédio urbano supra identificado.

3.º

A renda mensal é actualmente de, EUROS

4.º

Texto 2

Há mais de um ano, o R. deixou de utilizar o andar como sua habitação regular, isto é, como centro da sua vida familiar, social e doméstica

5.º

Com efeito, o R. deixou de aí pernoitar

6.º

E, nunca mais foi visto no andar qualquer roupa estendida no respectivo estendal.

7.º

Igualmente, nunca mais o R. foi visto a depositar o lixo no respectivo contentor do prédio em questão.

8.º

Deixou de receber no andar em causa quaisquer visitas.

9.º

Nunca mais foi visto a realizar, nos estabelecimentos comerciais da zona, assim como a trazer para o prédio, as compras normais e decorrentes de uma vida centrada no locado em questão, nomeadamente as relacionadas com a alimentação.

10.º

O R. deixou de ser visto a entrar e a sair do prédio.

11.º

O R. é o único inquilino do prédio e facilmente se verifica que o R. já não reside lá quer pelo amontoado de correspondência na entrada do prédio, quer pela inexistência de limpeza, pelo crescimento da vegetação do logradouro e pelas teias de aranha.

12.º

Acresce que a carta registada com aviso de recepção, enviada ao R. em para actualização das rendas no ano de 2002 foi devolvida (**Doc. n.º 2**).

13.º

Texto 2 (continuação)

O telefone do R..... foi desactivado há mais de um ano.

14.º

Os A.A. tomaram conhecimento de que os consumos médios de energia eléctrica entre Maio de 1999 e Agosto de 2000 foram da ordem dos 3 KW.

15.º

A partir de Maio de 2001 deixou de haver qualquer consumo de electricidade no locado.

16.º

A partir de Fevereiro de 2001 a EDP não teve sequer acesso ao locado para efectuar quaisquer leituras de electricidade.

17.º

Pelo acima exposto, conclui-se que o R. não reside com permanência e habitualidade no andar locado, pois, os factos decorrentes de uma vida social e doméstica centrada no arrendamento não se verificam.

II – Do enquadramento legal

18.º

Os factos supra referidos integram falta de residência permanente constituindo fundamento de resolução do contrato (**alínea i) do n.º 1 do art.º 64.º do RAU**).

19.º

Por isso, os A.A. pretendem que seja declarado extinto, por resolução, o contrato de arrendamento em causa e, em consequência, o R. ser condenado a despejar imediatamente o locado e a entregá-lo livre e devoluto e ainda a pagar as rendas vincendas até integral desocupação

NESTES TERMOS E NOS MELHORES DE DIREITO

Texto 2 (continuação)

Deve a presente acção ser julgada procedente por provada e o R. condenado no pedido, nas custas e procuradoria condigna

Para tanto, requer a V.^a Exa. Se digne mandar citar o R. para, no prazo legal e sob cominação da lei, contestar, querendo, seguindo o processo os seus ulteriores termos até final.

VALOR: EUROS 528 (quinhentos e vinte e oito euros)

JUNTA: documento comprovativo de pagamento da taxa de justiça inicial, 2 documentos, procuração, duplicado e cópia legal

E.D.

A ADVOGADA

Texto 2 (continuação)

Relativamente ao **texto 1**, verificamos que este apresenta uma organização composicional pouco prevista tendo em conta o género em questão. A “estranheza” que o caracteriza decorre, portanto, da configuração muito *sui generis* do seu plano de texto, marcado fundamentalmente pela ocorrência de uma sequência enumerativa tão longa constituída apenas por sintagmas nominais (caracterizada, portanto, pela ausência de estruturas frásicas completas), que se inicia em “*O pai, a mãe, o filho, ...*” e termina em “*... que é tão simpática.*”, a qual, ocupando praticamente todo o corpo do texto, o torna bastante desenvolvido, dando lugar a uma configuração pouco típica do anúncio publicitário e pouco conforme ao modelo estabelecido para este género. Note-se, ainda, que a sequência em causa se destaca das restantes unidades que compõem o corpo do texto (“Existem 4,5 milhões de motivos para ter escolhido a TMN.” e “Obrigado a todos.”) pela mudança de cor e pelo tamanho dos caracteres, o que significa que a organização gráfica e cromática do texto, não sendo gratuita, foi pensada para intensificar o efeito de estranheza, com vista a chamar, dessa forma, a atenção do leitor.

Tratando-se de um género persuasivo, o anúncio publicitário recorre frequentemente a estratégias linguísticas que funcionam a partir da força apelativa da imagem e do poder que ela exerce sobre os potenciais consumidores do produto / serviço publicitado. O mesmo se aplica, de igual forma, às características das unidades verbais que compõem o texto publicitário: regra geral, estamos perante unidades pouco extensas, de leitura rápida que, de forma mais ou menos evidente, mais ou menos directa, apresentam os argumentos de persuasão necessários à concretização dos objectivos do texto. No caso do texto 1, desprovido de imagem, poderá dizer-se que a concretização desses objectivos passa, em primeira instância, pela construção de um plano de texto marcado pela imprevisibilidade e, portanto, ocasional. A constituição de unidades pouco previsíveis e, logo, pouco conformes ao modelo de género estabelecido para o anúncio publicitário, como é o caso da sequência enumerativa de considerável extensão que ocupa praticamente toda a mancha gráfica do texto, parece fazer parte de uma estratégia linguística que, além de incentivar à leitura do texto – pelo efeito de estranheza que provoca – condensa, na parte menos previsível do texto, os argumentos / “motivos” que justificam a escolha do serviço publicitado – *o pai, a mãe, o filho, a filha, a namorada*, etc. – com vista a persuadir o leitor a usufruir do serviço prestado.

Sendo uma área bastante criativa e favorável à ocorrência de produções textuais muito diversificadas, a Publicidade é propensa ao desenvolvimento de estratégias linguísticas de persuasão que se reflectem, obviamente, ao nível da organização composicional dos textos. Tais estratégias, que se revelam cada vez mais complexas e elaboradas manifestam-se, em primeira-mão, na construção dos planos de texto. A construção destes planos – cujas características os permitem classificar como mais fixos ou mais ocasionais – encontra-se dependente não só do modelo estabilizado pelo género em que um determinado texto se inscreve como, por outro lado, das propriedades da actividade sócio-comunicativa que esse género semiotiza.

O **texto 2** dá conta de um plano de texto fixo, típico do texto em causa: a petição inicial. O que se apresenta é, pois, um plano rigidamente formatado, onde o espaço para a variação em relação ao modelo de género é (quase) inexistente. De resto, há toda uma estrutura, fixa pelo próprio modelo do género, que obriga a uma realização textual consonante com uma composição pré-estabelecida e estabilizada, não só pelo uso comum, como também pelas imposições ditadas pelos objectivos comunicativos que o género visa concretizar no contexto da actividade jurídica em que ocorre. Assim, verifica-se, ao nível da estrutura composicional, a ocorrência dos seguintes parâmetros de género, nas unidades de composição indicadas entre parêntesis²⁰:

- Fórmula de abertura (identificação do destinatário / da figura de autoridade a quem se dirige a petição: *Exmo. Sr. Juiz de Direito dos Juízos Cíveis da Comarca de Lisboa*);
- Identificação dos solicitadores da acção jurídica expressa na petição (a condenação do réu), no espaço dos pontos designados por *1., 2. e 3.*;
- Identificação da natureza da acção solicitada (*acção de condenação, em processo sumário*);
- Exposição dos factos que suportam a petição, e sua apresentação em fundamentos (*1º, 2º, 3º, ...*);
- Fundamentação jurídica que sustenta o deferimento da petição (*Os factos supra referidos integram... do art.º 64º do RAU*);
- Apresentação da petição (Por isso, os A.A. pretendem ... integral desocupação);
- Fórmula de fecho (Nestes termos e nos melhores de direito);
- Execução da petição (*Deve a presente acção até final*);
- Valor de custo da acção (*VALOR: EUROS ... oito euros*);
- Declaração dos documentos jurídicos anexos ao texto da petição (*JUNTA: documento... cópia legal*);
- Identificação da figura de autoridade responsável pela apresentação da petição (*E.D. A ADVOGADA*).

A estrutura deste plano de texto, tal como se observa, dá conta do conjunto de procedimentos, impostos pela acção jurídica que o texto visa concretizar, e que devem ser respeitados com vista à concretização dos objectivos expressos no texto (a condenação do réu). Dado o elevado grau de convencionalidade e de formalidade que caracteriza as práticas linguísticas que

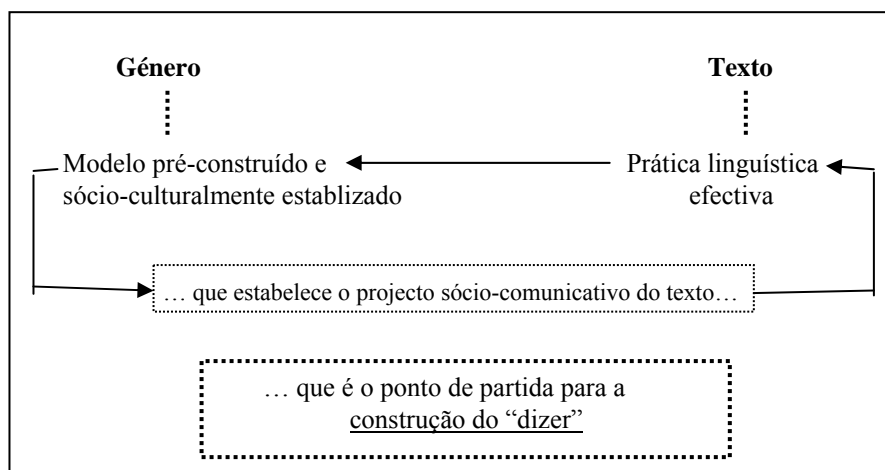
²⁰ Tal como se apresenta, a identificação das unidades composicionais que se seguem obedeceu fundamentalmente a critérios que assumimos, à partida, serem de ordem metalinguística, e que colocam em destaque a função que essas unidades assumem na organização do texto. Por outro lado, a realização textual de tais unidades parece acompanhar a constituição dos diferentes tipos de discurso, classificáveis, segundo Bronckart, em quatro tipos – *discurso teórico, discurso interactivo, relato interactivo e narração* – consoante se verifique uma relação de *conjunção/disjunção* relativamente às coordenadas da situação de produção e de organização do conteúdo temático ou uma relação de *implicação/autonomia* entre as instâncias responsáveis pela produção do texto e a sua inscrição no espaço textual (Cf. Bronckart, 1996-1999; 2005). Estas questões, que aqui apresentamos em esboço, deverão, no entanto, ser objecto de aprofundamento em trabalhos posteriores.

se desenvolvem no âmbito da área do Direito, as produções textuais efectivas que aí tenham lugar são bastante propensas a caracterizar-se por serem muito normativizadas e, portanto, pouco ou nada imprevisíveis ou abertas à variação. É o que se pode verificar no texto em análise, em que o modelo imposto pelo género em causa obriga à construção de um plano de texto fixo no qual a margem de manobra para a manifestação da subjectividade é praticamente nula, no sentido em que o processo de *adaptação* do texto, tal como o entende Bronckart, se revela bastante constrangido pela natureza do género *adoptado*.

6. Concluindo...

No tratamento da problemática que envolve a relação texto/género como uma dimensão constitutiva das práticas textuais empíricas, por nós assumida, importa pensar que tal relação se processa segundo um movimento circular e interactivo em que as duas categorias se implicam mutuamente. Do estatuto de dominância que o género possui nesta relação decorre considerar que é o género que, na qualidade de modelo – pré-construído pelas gerações precedentes e sócio-culturalmente estabilizado – dita, em primeira instância, a organização e sócio-culturalmente estabilizado – dita, em primeira instância, a organização composicional do texto, ao nível dos planos de texto fixos ou ocasionais. E no sentido em que a organização dos textos, não se realizando de forma gratuita, obedece antes a um projecto sócio-comunicativo – aquele que determina o que pode ser dito e como deve ser dito, em cada texto particular – considera-se que é o género que, a título de modelo disponível, no espaço do arquiteito, estabelece esse projecto. Por outro lado, é o texto que, ao traduzir-se numa prática linguística efectiva, onde têm lugar as manifestações composicionais que dão conta da sua organização, define os parâmetros que ditam a construção /identificação do modelo de género, através das regularidades composicionais observadas nessas práticas e dos objectivos pragmáticos que lhes subjazem.

Por outras palavras, aceitando o texto como objecto de comunicação, onde se expressa a formulação de um “dizer” que, em todo o caso, é sempre um “dizer” para o outro – o interlocutor – assume-se, pois, que quem produz o texto, fá-lo para que seja lido e interpretado segundo um percurso que obedece a escolhas pontuais (do ponto de vista organizacional) e que estas escolhas levam em consideração, em primeira instância, o género em que o texto se inscreve. Neste sentido, há uma dimensão configuracional, associada ao género adoptado que, servindo de referência ao percurso a construir, no espaço do próprio texto, constitui, simultaneamente, o ponto de partida para a construção do “dizer” aí expresso. O quadro 5 dá conta, esquematicamente, das considerações que a este respeito se acabam de desenvolver:



Quadro 5

Referências

- Adam, Jean-Michel 2004. Plano de texto. In Patrick Charaudeau & Dominique Maingueneau (orgs.) *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, pp. 377-378 (trad. port de *Dictionnaire d'Analyse du Discours*. 2002. Editions du Seuil, pp. 433-434).
- Adam, Jean-Michel 1999. *Linguistique textuelle. Des genres des discours aux textes*. Paris: Nathan.
- Adam, Jean-Michel 1997. Genres, textes, discours: pour une reconception linguistique du concept de genre. *Revue Belge de philologie et d'histoire* 75, pp. 665-681.
- Bakhtine, Mikhaïl 1992. Os géneros do discurso. In *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, pp. 279-326.
- Bakhtine, Mikhaïl 1984. Le problème du texte. In *Esthétique de la création verbale*. —: Editions Gallimard, pp. 311-338.
- Bronckart, Jean-Paul 2005. Os géneros de texto e os tipos de discurso como formatos das interacções de desenvolvimento. In Fernanda Menéndez (org.) *Análise do Discurso*. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa/Hugin Editores, pp. 37-79.
- Bronckart, Jean-Paul 1999. *Actividade de linguagem, textos e discursos. Por um interaccionismo sócio-discursivo* (trad. port. de *Activité langagière, textes et discours. Pour un interactionisme sócio-discursif*. 1996. Lausanne: Delachaux et Niestlé), São Paulo: EDUC – Editora da PUC-SP.
- Cortes, Ana Caldes 2005. *Textos, géneros e composicionalidade – para uma abordagem do anúncio publicitário*. Dissertação de mestrado. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas / Universidade Nova de Lisboa.

- Coutinho, Maria Antónia 2005. Para uma linguística dos géneros de texto. In *Diacrítica*. Braga: Universidade do Minho (Centro de Estudos Humanísticos), pp. 73-88.
- Coutinho, Maria Antónia 2004. Schématisation (discursive) et disposition (textuelle). In J.-M. Adam, J.-B. Grize & M.A. Bouacha (orgs.) *Texte et discours: catégories pour l'analyse*. Dijon: Editions Universitaires de Dijon, pp. 29-42.
- Maingueneau, Dominique 2005. As categorias da análise do discurso. In Fernanda Menéndez (org.) *Análise do Discurso*. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa/Hugin Editores, pp. 81-105.
- Meurer, J. L., Bonini, A. & Motta-Roth, D. (orgs) 2005. *Géneros – teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial.
- Pinto, Rosalice 2006. *Argumentação em géneros persuasivos: um estudo contrastivo*. Dissertação de doutoramento. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas / Universidade Nova de Lisboa, anexo 2, pp. 19-22.
- Rastier, François 2001. *Arts et sciences du texte*. Paris: PUF, p. 13.
- Rastier, François 1989. *Sens et textualité*. Paris: Hachette.